



Mídia e Violência: Conflitos durante manifestações públicas¹

Omar Alejandro Sánchez Rico²

PPGCOM – ESPM-SP

Resumo

Nesta comunicação pretende-se discutir as diferentes funções do jornalismo quando agenciado pela grande mídia ou por mídias independentes. Serão analisados três acontecimentos noticiados durante o ano de 2015: As manifestações estudantis organizadas contra o projeto de reorganização das instituições do ensino fundamental público do Estado de São Paulo, as manifestações femininas contra o Presidente da câmara dos deputados Eduardo Cunha, e as manifestações públicas decorrentes da tragédia ambiental do Rio Doce e Mariana. Trabalharemos com o conceito de comunicação pós-massiva de Lemos, como via para entender o estado da comunicação ubíqua. Faremos uma desconstrução das narrativas jornalísticas da grande mídia a partir da visão de Rincón. Finalmente, abordaremos questões relativas às imagens midiáticas de violência social como constituintes do imaginário coletivo das cidades contemporâneas.

Palavras-chave: Comunicação, Consumo, Violência midiática, Manifestações sociais.

Introdução



¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho COMUNICAÇÃO, CONSUMO E NOVOS FLUXOS POLÍTICOS: Ativismo Cosmopolitismos, Práticas Contra hegemônicas, do 6º Encontro de GTs de Pós-Graduação - Comunicon, realizado nos dias 14 e 15 de outubro de 2016.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM - SP (2015 - 2017). Possui graduação em Diseño Gráfico - UNIVERSIDAD DE CAUCA (2009). Email: omarasrico@gmail.com.



Quando Libertad, a mais incisiva das amigas de Mafalda, diz “os jornais não existem”, não quer dizer que de fato os jornais sejam inexistentes, mas, a sua crítica é contra a falta de ética e propósitos sociais destes. Observamos recorrentemente a maneira em que veículos massivos de notícias explicitamente ignoram determinados assuntos enquanto dão atenção desproporcionada a outros, certamente mais ligeiros, encaminhando a atenção do espectador a fenômenos inofensivos para o *status quo* do sistema. Citar a Quino, autor de Mafalda, é um oportuno passo para iniciar a nossa reflexão sobre a função dos diferentes tipos de mídia na construção de uma sociedade mais justa e igualitária, em um momento no qual, graças às tecnologias da informação e comunicação, aumenta o acesso a diferentes versões dos acontecimentos.

A informação que distribuem os meios de comunicação, sejam os massivos - a televisão ou o jornal impresso, ou sejam os pós-massivos - das redes sociais digitais (Lemos, 2007) são simulacros da realidade social. As representações dos acontecimentos políticos, econômicos e sociais são construídas no constante confronto de visões de mundo, em procura de legitimar fontes de poder. Desde o início do século XX, os grandes empórios midiáticos assumiram a função de representar as lógicas do *status quo* em cenários imaginários. Assim, a difusão de imagens que domina a grade jornalística é de um tom que oscila entre o especulativo e o sensacionalista. Principalmente na televisão, vemos a forma em que se satura o espectador com excesso de informação enquanto tira-se dele todo o contexto dos eventos. Similar a Quino, encontramos inspiração em Bertolt Brecht quando diz: “aquele que não conhece a verdade é simplesmente um ignorante, mas aquele que a conhece e diz que é mentira, este é um criminoso.”

Hoje nos deparamos com outras fontes de informação que denunciam o controle simbólico exercido pelos oligopólios midiáticos. Nos interessa, portanto, estudar essas outras enunciações que trazem uma opinião divergente daquelas veiculadas nos principais jornais e telejornais brasileiros: sites de notícias alternativas, grupos de jornalistas independentes e páginas de movimentos ativistas que assumem o trabalho de trazer dados, depoimentos e análises dos acontecimentos que em outrora



tinham um tratamento monofônico, quer dizer, de uma única voz. Graças a facilidade no acesso às ferramentas de construção de narrativas (câmeras de vídeo, fotográficas, aparelhos e pontos de rede para o compartilhamento de documentos), aumentou o número de pessoas que registram e divulgam o que acontece durante manifestações públicas. A explosão de imagens amadoras começou a revelar o tamanho da repressão dos estadual contra a população civil. A violência policial durante manifestações públicas é assumida neste trabalho como o ato que melhor retrata a obsessão dos governos por manter a população sob domínio, sem importar as causas pelas quais essas pessoas estejam se mobilizando.

Técnica de recolecção de dados

Partimos do constante encontro com um tipo específico de conteúdo midiático. Imagens que retratam atos de violência durante manifestações públicas no Brasil, tendo maior atenção naquelas acontecidas no estado de São Paulo. As ruas da capital paulista se tornaram nos últimos quatro anos, em cenário recorrente de mobilizações multitudinárias pela reivindicação de direitos civis, constitucionais e humanos. A seleção das imagens provê principalmente da rede social digital *Facebook* e dos portais de notícias aos quais são encaminhados os enlaces que nesta rede são compartilhados.

Para fazer a compilação das imagens foi usada a técnica da *impressão de tela*, que consiste em capturar num retrato estático, o fluxo de informações emergentes na rede digital. O conjunto desses retratos forma um álbum dos acontecimentos dos últimos meses (entre outubro e dezembro de 2015) que involucraram violência pública durante manifestações sociais. O efeito é produzido por essa técnica é similar a uma fotografia de longa exposição, na qual os diversos elementos que passam na frente da lente são fusionados em uma única figura: Essa figura é fantasmagórica, pois transforma os corpos que estão em movimento em estelas de luz, enquanto o cenário estático ganha detalhe.



Esta analogia feita com a fotografia, ajuda a entender o que se procura com a experiência de registro: embora os protagonistas das notícias estejam temporariamente visíveis na tela, eventualmente vão desaparecer, deixando unicamente um rastro da sua intervenção no mundo, difuso, embasado. No entanto, é o fundo da fotografia, o marco ideológico dos fatos, vai-se grava com maior detalhe a medida que vá passando o tempo de exposição, revelando características que num primeiro momento foram opacadas pela presença dos atores.

O que se pretende fazer, por tanto, é reconstruir em uma única imagem textual, os rastros deixados por aqueles eventos marcados pela violência estadual contra a expressão massiva de cidadãos. Este será uma compilação da materialidade exposta pelos conteúdos emergenciais dos últimos meses sobre os confrontos da população civil contra o braço da segurança pública do poder executivo do Estado de São Paulo.

Observação de manifestações públicas

Trazemos a continuação três episódios que se tornaram históricos, acontecidos durante o período observado e que servirão de *corpus* para uma análise posterior da relação entre mídia e violência durante manifestações sociais.

Um. Dentre os focos de atenção do período tratado, importantes foram os protestos causados pela iniciativa do Governo de São Paulo em reorganizar instituições de ensino público, dos ciclos básico e médio. Essa medida, publicada no dia 26 de outubro de 2015, levaria ao fechamento de 94 escolas. Destaca-se o uso das palavras ‘entrega’, ‘disponibiliza’ e ‘repassa’ nos jornais *Folha de São Paulo*³, *GI*⁴ e *Jovem Pan*⁵ para se referir à reorganização do ensino básico e fundamental do estado São Paulo, que faria com que 311 mil alunos do estado de São Paulo tivessem que ser transferidos a outras escolas do Estado. A partir da mobilização estudantil, diversos

³ Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/10/1698558-reformulacao-da-rede-paulista-vai-envolver-entrega-de-94-escolas.shtml>>. Acesso em: 18 jan. 16

⁴ Disponível em: < <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/10/reorganizacao-escolar-em-sp-tem-94-escolas-que-serao-disponibilizadas.html>>. Acesso em: 18 jan. 16

⁵ Disponível em: <<http://jovempan.uol.com.br/noticias/comportamento-educacao/governo-de-sao-paulo-anuncia-repasse-de-predios-de-94-escolas.html>> Acesso em 18 jan. 16



vídeos foram realizados pelos manifestantes para denunciar a repressão física cometida pela Polícia Militar e Civil. O material audiovisual que mostra fortes imagens de apreensões, golpes, intimações e perseguições de estudantes; começou a ser postado em redes sociais sob nomes como: “A PM de Alckimin contra estudantes”, “Denúncia da depredação de escolas ocupadas pela polícia para a Globo filmar”, “A aula de hoje foi Repressão”, “Não é o corpo que dói”, entre outros. Estes vídeos relatam situações de violência explícita, em que é recorrente a aparição de bombas de lacrimogêneo e efeito moral, balas de borracha, imagens de ferimentos causados pela agressão por parte da polícia, entre outros.

Dois. O ato que foi conhecido com o nome de #ForaCunha foi um conjunto de protestos a nível nacional contra o presidente da câmara dos deputados Eduardo Cunha. O Projeto de Lei 5069/2013 tornaria crime absoluto (não mais contravenção penal) o anúncio ou uso de meios, substância, processo ou objetos abortivos. Este foi o detonante das passeatas, composta na sua maioria por mulheres, que pedia a anulação do PL e o afastamento do Presidente da Câmara. A manifestação acentuava, igualmente, as inúmeras atividades ilícitas comprovadas, cometidas pelo, então, Presidente da Câmara.

Acompanhando midiaticamente a mobilização, apareceu um momento de confronto entre a Polícia Militar e manifestantes, acontecendo na cidade de Belo Horizonte - MG, quando um dos agentes agride uma mulher na tentativa de prendê-la. A cena acontecida no dia 31 de outubro, foi registrada em vídeo⁶ e publicada massivamente por páginas ativistas no *Facebook*. Nela se vê que uma jovem se resiste a um grupo de policiais para não ser levada no carro da polícia. Em volta dela, dezenas de oficiais e fotógrafos acompanham a luta da jovem. A repetição do grito da população: “Polícia, Fascista, Fora Já” se transforma na trilha sonora da ação que dura aproximadamente dois minutos e meio.

⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PLExwqfL-rM>>. Acesso em 18 jan. 16



Três: Com a ruptura das barragens do Fundão e Santarém, da mineradora Samarco, que descarregou sobre o Rio Doce mais de 70 milhões de metros cúbicos de lama tóxica, sendo assim o maior desastre ambiental na história do Brasil, começou uma forte crise sanitária nas cidades adjacentes ao Rio Doce. Em Colatina, ES, produziram-se confrontos entre a população e a polícia militar quando caminhões-cisterna que iriam abastecer de água à região não foram suficientes. Em vídeo postado na página do *Facebook* do Deputado Estadual do Espírito Santo, Josias Mario Da Vitória, vê-se o momento em que a população é afastada dos carros-cisterna com bombas de gás lacrimogêneos. Uma pessoa foi ferida com arma de fogo durante a dispersão. O vídeo conclui com a cena de mulheres e homens carregando panelas e baldes enquanto fogem dos tiros e da fumaça.

Por outra parte, em Brasília, cinco pessoas foram detidas no dia 25 de novembro após a realização de um ato de repúdio contra o crime ambiental da mineradora Samarco. A ação performática aconteceu nos corredores do edifício da Câmara dos Deputados. Aos protestantes, presos por jogar lama nas paredes da Câmara em forma de ato simbólico, acusou-se lhes de desonrar monumentos urbanos, injúria e resistência ao arresto. Os cargos acumularam uma condena de 4 anos de prisão. Nesse caso, a Direção Nacional do MST⁷ (Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra) aponta que houve uma ação violenta da Polícia Legislativa devido à paradoxal e arbitrária punição contra um grupo de manifestantes que intentam chamar a atenção sobre a impunidade dos responsáveis do crime ambiental.

Sobre a Grande Mídia

Para o advento das tecnologias da comunicação digital em rede, previu-se um novo estágio na liberdade do trânsito das informações. Mudanças drásticas têm acontecido na formulação e construção do discurso jornalístico como consequência da aparição desse “já não tão novo” momento tecnológico da comunicação humana. Um

⁷ Matéria disponível em: <<http://www.viomundo.com.br/denuncias/jovens-do-mst-sao-presos-por-crime-ambiental-depois-de-jogar-lama-no-chao-do-congresso-presidente-da-samarco-segue-solto.html>>. Acesso em 19 jan. 16



exemplo dessa mudança se encontra nos hábitos de consumo de notícias no Brasil: A diminuição na audiência do Jornal Nacional da Tv Globo nos últimos anos⁸ manifesta, tanto a queda de confiança dos telespectadores nesse veículo midiático, quanto o engessamento do formato televisivo. A partir dessa mudança, ressaltamos a notória a descentralização no controle da informação. O paradigma da notícia televisiva como portadora indiscutível da verdade se corrói aos poucos. Simultaneamente modifica-se a forma em que a população da cidade de São Paulo enxerga o exercício das manifestações públicas e outros atos de resistência civil.⁹

Questionamos aqui a função informativa da grande mídia. Normalmente, as informações recebidas da atualidade nacional provêm do jornalismo, seja televisivo, impresso ou digital. Por esse motivo, refletimos sobre o tratamento da cobertura de eventos de extrema violência. Omar Rincón (2006), comunicólogo colombiano, nos diz que “a notícia – como o mito – é o discurso que dá forma ao caos em que se desenvolvem os acontecimentos”. Mas a abordagem apresentada pela mídia sofre da síndrome do ‘Eu o disse primeiro’: “Para cumprir com o imperativo jornalístico da velocidade, da novidade e do esquematismo, cria-se uma notícia que vira espetáculo, fazendo da contextualização algo impossível.” Assim, para o indivíduo que assiste diariamente o noticiário e lê todos os dias o jornal, será muito difícil se sentir ou fazer parte integral de algo. Não é mais capaz de esboçar, pelo menos intuitivamente, o

8 “A queda de audiência do Jornal Nacional, principal produto jornalístico da emissora, assustou a cúpula diretora. A baixa em cerca de 7/8 pontos representa 35% a menos de audiência em um dos horários mais caros da TV”. O jornalista José Armando Vannucci também informa que novelas como *Os 10 mandamentos* e *Chiquititas* conseguiram superar a audiência do Jornal Nacional, que é seu principal produto, ferindo a credibilidade do canal. Disponível em: <<http://jovempan.uol.com.br/videos/entretenimento/parabolica/baixa-audiencia-do-jornal-nacional-assusta-rede-globo.html>>. Publicado em 24 mar. 15. Acesso em: 14 jan. 16

9 Emblemático se tornou o dia em que o apresentador José Luiz Datena, durante o programa de jornalismo sensacionalista *Brasil Urgente* é surpreendido pela resposta de uma enquete realizada no dia 13 de junho de 2013, durante a jornada de protestos que ficou conhecida como *Primavera Brasileira*. A pergunta “Você é a favor desse tipo de protestos” terminou tendo 3012 votos a favor contra 1942 votos contra. O resultado da enquete foi tão inesperado que o apresentador teve que mudar seu discurso de repúdio aos manifestantes por uma postura menos agressiva e pejorativa, embora seu mal-estar pelo resultado da enquete era evidente. Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?time_continue=134&v=7cxOK7SOI2k>. Último acesso no dia 15 jan. 16.



lugar de cada elemento em um estado de coisas mais grandes do que si mesmo. A impossibilidade, portanto, de pensar em conceitos e categorias complexas conduz, não somente a problemas éticos, mas também de caráter ontológico.

Aponta Rincón, igualmente, que é muito difícil encontrar valor social e utilidade à informação, pois se percebe que por cima dos fatos e da informação está o afã de protagonismo das mídias. (RINCON, 2006, p. 111-116).

Lembrando as palavras do sociólogo Lopez Aranguren, as agências de notícias e consórcios informativos, através de técnicas modernas de comunicação permitem maximizar o efeito retórico das palavras, multiplicando o impacto na consciência do telespectador.

Nos sistemas opressivos, que vão desde a estrutura social, até a estrutura económica, até a vigilância estrita de cada cidadão, entra o problema da monopolização do discurso (...). Na batalha das ideias, a propriedade dos veículos midiáticos é fundamental para a classe dominante, seja em televisão ou na imprensa, porque por meio deles se coloca uma ideologia nas ideias das pessoas¹⁰

Nesse sentido, o Estado aparece sendo um ator que, igualmente, regula imaginários sociais. Ele, o Estado, tem a função de se posicionar como um mediador que “articula e une em uma instância complexa uma gama de discursos políticos e práticas sociais que se ocupam da transmissão e transformação do poder” (HALL, 2003 pag. 164). Isso inclui, e sob pressões provenientes de vários ângulos, a regulação da mídia na sociedade.

A separação ideológica extrema destas duas formas de representação dos sentidos de violência (a perspectiva dos ativistas e manifestantes por um lado e a visão da grande mídia e os poderes militares por outro lado) nos lança ao confronto de imagens que turvam nosso entendimento na hora de tentar compreender a complexidade dos conflitos sociais.

¹⁰ Palestra “Manipulación em los médios de comunicación”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KTIEj_76_eU> Acesso em: 6 jan. 16



Redes digitais para uma sociedade mais conectada.

Consideramos que as redes sociais digitais têm ampliado a difusão de dados, argumentos e opiniões que diferem daqueles expressados pelos principais agentes midiáticos. Essa difusão de discursos divergentes “é um ato político e ético pois dele parte a construção da esfera pública, o princípio de independência e autonomia.” (VAN DIJK, 2000, apud. RINCON, 2006, p. 114).

Com a digitalização dos documentos que ativam as experiências de aprendizagem, aumentam as instituições que promovem as coleção, preservação e divulgação de narrativas de memória social. Nesse sentido, encontramos algo paradoxal no feitiço da tecnologia: Ou a tecnologia ajuda a estreitar as pontes entre os humanos e o resto de seres vivos; ou ao contrário, pode ser pensar que a aparelhagem moderna vá impedir o contato sensível entre as pessoas enquanto fomenta o ostracismo, individualismo e afeição para-com as máquinas.

Auguramos que o fascínio gerado pela tecnologia, principalmente nos usuários jovens, pode cumprir o papel de ajudar à sua inserção como sujeitos pertencentes aos processos de construção de uma sociedade mais igualitária e justa. Isto acontece na hora em que, através da interação em ambientes virtuais, podem ser absorvidas ideias de mudança social, enquanto acompanham eventos de uma cultura “pós-massiva”. O pesquisador André Lemos comenta sobre esse conceito que:

as mídias de função pós-massiva (...) funcionam a partir de redes telemáticas em que qualquer um pode produzir informação, ‘liberando’ o polo de emissão, sem necessariamente haver empresas e conglomerados econômicos por trás. (...) Não estão centradas sobre um território específico, mas virtualmente sobre o planeta (LEMOS, 2007, p. 125).

Aqui, Lemos, faz uma diferença entre o a função massiva dos meios de comunicação modernos daquela função que ele chama de “pós-massiva”. O massivo surge em paralelo com a explosão demográfica dos centros urbanos, principalmente no final do século XIX. Nesse período histórico, vê-se o estabelecimento dos cidadãos em espaços urbanos fixos para o usufruto de fontes de entretenimento e informação: o



telefone, o jornal, o rádio. De modo similar, aparecem conglomerações de corpos presentes ao redor de imagens elétricas sedutoras de consumo como a cinematográfica e a televisiva.

Por outra parte, a função pós-massiva, responde a circunstâncias de mobilidade e troca de informação em redes descentralizadas. O ferramental digital e telemático cria novos ‘territórios informacionais’ que não correspondem unicamente aos espaços geográficos físicos. André Lemos também identifica sob diferentes termos teóricos essa nova relação que tem os indivíduos, cada dia mais móveis, com uma realidade que aos poucos vai-se fazendo menos concreta: “Trata-se de formas de compressão espaço-temporal (Harvey, 1992), de desencaixe (Giddens, 1991), de desterritorialização (Deleuze, 1980), de espaços líquidos (Bauman, 2001), de novos nomadismos (Maffesoli, 1997)”. Para Lemos, o massivo tem um propósito principalmente informativo, enquanto as mídias pós-massivas criam processos mais comunicativos, em que as trocas de mensagens se dão entre seres conscientes. Embora, recomenda Lemos a “não pensar em dualismos simplórios”, mas na “reconfiguração de um sistema”, em que o massivo e o pós-massivo confluem em novas plataformas que albergam tanto o massivo da publicidade, do marketing, das agências internacionais de notícias; quanto o pós-massivo do serviço de mensageria, os *podcasts*, blogs autorais, entre outros.

Imagens para o conflito

Apontamos as palavras de Laymert Garcia (2011), quando ele faz uma reconstrução do que a tecnologia das imagens tem feito das guerras, e o que a guerra tem provocado nas imagens midiáticas. Ele comenta que:

a primeira lição que os militares tiraram da guerra televisionada [no Vietnã] diz respeito à própria duração do conflito. O secretário de Estado Dean Rusk a explicita de modo cristalino ao afirmar: ‘Precisamos pensar muito numa questão: um conflito armado pode durar muito tempo se os seus piores aspectos são mostrados pela televisão? Tal vez devesse haver algum tipo de censura’. Começa por tanto a ser formulado o seguinte axioma: guerra televisionada é guerra perdida” (GARCIA, 2011, p. 158)



Se tivermos a intenção de estudar a imagem desde a sua função de registro histórico de atos de violência extrema, o importante ao longo prazo não será a barbárie ou a destruição causada, pois somente as vítimas diretas foram aquelas que sofreram pelas consequências da violência. A realidade se tornara unicamente a realidade da imagem que desfilou na televisão ou nas telas dos *smartphones*. Será importante o que é mostrado ali, no vídeo, a violência disfarçada, sem sofrimento, mas com muita emoção.

Complementando essa a noção emotiva da imagem, Baudrillard nos adverte que habitualmente, no nosso universo midiático, “a imagem está aí no lugar do acontecimento. O substitui, e o consumo da imagem esgota ao acontecimento por delegação.” Essa visibilidade da substituição é a estratégia com que se esvazia o acontecimento, quer dizer, “a busca da ausência da informação por todos os meios” (Baudrillard, 2004, p.24)

No final, em tanto que acontecimento puro, este acontecimento desapareceu. Seu destino é desaparecer em um enorme trabalho político e ideológico de mistificação, que de fato é um trabalho de luto. É preciso apaga-lo. É preciso que todas as consequências sejam apagadas pelo discurso. É preciso voltar ao curso normal das coisas” (Baudrillard, 2004, p.26)

Mas, qual é essa normalidade à qual se refere Baudrillard? Corriqueiramente, as decisões para a intervenção policial durante grandes protestos sociais é a de reestabelecer o trânsito de veículos. Normalidade é a não predação da propriedade privada, que acontece principalmente no jogo de ataque-resposta entre o corpo policial e minorias atacantes durante as manifestações. Normalidade é aquilo que não quebra a sucessão linear dos fatos ‘reais’. Contrário disto, se tivermos a intenção de enxergar a imagem midiática desde o seu potencial mobilizador humano, ela se tornará em mediadora de poderes de mudança.

O conflito social/político, da maneira em que foi visto durante a reorganização das escolas em São Paulo, é uma prova marcante do que a exposição pública de cada um dos lados da luta pode causar no transcurso dos acontecimentos. A cidadania foi



se aderindo¹¹ ao movimento estudantil a medida que os secundaristas postavam depoimentos sobre a situação nas ocupações realizadas nas escolas. Também fizeram cobertura midiática alternativa das marchas nas principais avenidas da cidade e reportaram nas redes sociais as atividades pedagógicas surgidas em paralelo dentro dos centros de ensino. O fluxo de relatos provenientes do corpo estudantil conseguiu dar um contraste tão significativo ao discurso pré-fabricado da mídia massiva, que o Governo do Estado se viu na obrigação de suspender, pelo menos temporariamente a ação de reorganização das escolas.

As palavras de efeito usadas comumente pelos principais jornais e noticiários do país *deprecação, obstrução da via pública, vandalismo, atuação de black blocs*; ganharam uma resposta de contrapeso nas redes sociais dos movimentos estudantis. Comum se tornou o uso das expressões: *violência policial durante protesto pacífico, manipulação na contagem de assistentes aos protestos, ações truculentas por parte da polícia, PM protagoniza carnificina, massacre, repressão, abuso de poder, tentativa frustrada de diálogo*, além de várias apologias a práticas militares do período da ditadura.

Garcia novamente chama a atenção sobre a necessidade de incorporar saberes tecnológicos, para responder à atualização do repertório linguísticos com as quais construir narrativas contra-hegemônicas:

A partir do momento em que se impõe o reconhecimento do poder das imagens, o controle [da televisão em operações de guerra passa a ser objeto de disputa (...)] Todos [os atores do conflito] tiram lições de cada novo conflito, todos vão acumulando um saber sobre a tecnologia audiovisual e seus efeitos, todos vão sofisticando seus métodos (GARCIA, 2011, p. 158)

Chama-nos a atenção a aparição de vídeos nas redes dos movimentos sociais estudantis, que tem por objetivo oferecer dicas para gravar vídeos durante atos de manifestação pública, principalmente em momentos de violência e confronto. O vídeo

¹¹ É pertinente o aprofundamento do fenômeno discutido por Maria Clara Aquino Bittencourt no artigo "Midiatização do Ativismo e Jornalismo Digital". Nele se analisa a apropriação dos usuários das redes sociais de filtros do Facebook nos processos de produção e circulação de conteúdos de coletivos midiáticos. Disponível em <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1814-1.pdf>>. Acesso em: 19 jan. 16



pedagógico quer, igualmente, enfatizar que as ações de registro podem se tornar em uma forma de defender o direito à liberdade de informação e integridade física. Aqui o vídeo se tornará em ferramenta simbólica e jurídica para a defesa dos agredidos. Em vídeo de 1 minuto e meio¹², jovens secundaristas da *Escola Raul Fonseca* dão uma aula básica de captação de imagens. A fala deles é transcrita a continuação:

Como a mídia não nos mostra [sic], nós seremos a mídia. A nossa comunicação é muito importante para divulgar, fortalecer e espalhar o nosso movimento. Também é importante para nossa segurança da abordagem da polícia, e de outros ataques. Não esqueça de carregar a bateria do seu celular, deixar a memória livre, e tudo pronto para gravar. Toda vez que houver uma ocupação ou abordagem de policial é muito importante ter pelo menos duas câmeras gravando porque, pelo menos assim, uma dá cobertura a outra. (...) Se um policial pegar a câmera de um deles, tem a outra câmera dando cobertura. Vão querer impedir falar que tem direito de imagem, mas não pare, nós temos direito de informação. Continue gravando. Todo aparelho celular tem uma entrada de som. É um orifício que fica na parte de cima ou de baixo do celular, cuidado para não tampá-lo e ficar sem som. Estamos lutando pela educação. Comunique e participe.

Seguindo o pensamento de Garcia, pensamos que “a tecnologia pode ser uma ferramenta, uma arma ou um instrumento. Isto é: a potência da tecnologia pode ser vetorizada para a construção, a destruição ou a percepção do mundo.” (GARCIA, 2011, p. 159) No caso dos manifestantes secundaristas, das mulheres do movimento #Foracunha e dos protestos contra a mineradora Samarco, o instrumento de captação e divulgação de imagens reverte, até certo grau, a desigualdade na força de combate entre um policial que está devidamente equiparado com coletes à prova de tiros, e um jovem de bermuda e camiseta.

“É claro que estamos longe, muito longe dos inocentes telejornais de outrora, e até mesmo das grosseiras manipulações da informação. O poder das imagens agora se tornou sinônimo de poder de fogo, mas, infelizmente, não se trata de metáfora. O poder militar encontrou uma maneira de atualizar a sua potência assumindo o controle da produção e divulgação da própria atualidade” (GARCIA, 2011, p. 161)

¹² Nesse vídeo que foi compartilhado pelo Canal Secundarista, no Facebook, os estudantes ensinam como fazer vídeos em momentos tensos, de protesto ou até de repressão policial, garantindo, assim, vários direitos à informação e integridade. Disponível em <<http://todateen.uol.com.br/papobff/estudantes-ensinam-gravar-video-protesto/>>. Acesso em 19 jan. 16



Sobre a diferença.

Edgar Morin (2004) nos faz lembrar a frase de Avicena e de Hipócrates que diz, que “quando diagnostica-se uma doença, é necessário tratar as suas causas. Se é muito grave, seus sintomas: calmar a febre”. Em outros termos, os sintomas estão no nível da polícia, mas as causas são muito mais profundas. São estruturais de um sistema que não contempla com tanta facilidade a livre manifestação da opinião divergente.

A transformação do conjunto social, em cada uma das suas esferas implica a aparição de novos fenômenos, que em outro instante histórico teriam sido utópicos. Nesse artigo vimos três situações singulares da realidade brasileira: crianças e jovens secundaristas defendendo e ocupando as suas escolas, protestos consequentes do assassinato do Rio Doce, e a defesa pública das mulheres pelo direito ao aborto. A partir da singularidade dos eventos vistos nos últimos meses, podemos pensar que as diferenças sociais “não estão simplesmente dadas à experiência através de uma tradição cultural já autenticada” (BHABA, 1998, p.22). Isso seria pensar que toda manifestação responde a certo determinismo cultural e histórico, quer dizer, que as coisas acontecem porque tem que acontecer. Diferente disso, as diferenças sociais “são signos da emergência da comunidade concebida como projeto – ao mesmo tempo uma visão de construção – que leva alguém para ‘além’ de si, para poder retornar com um espírito de revisão e reconstrução às *condições* políticas do presente” (BHABA, idem). Cada formação sociopolítica emergente é entendida aqui como sintoma de mutações na concepção daquilo que a sociedade pode chegar a ser.

Sem importar que tipo de diferença esteja se manifestando durante uma passeata – seja partidária, de gênero ou racial; o problema de base com o qual nos deparamos é da aceitação do outro que fala, daquele com o qual *eu* não me identifico. A partir de Zuleta (1999) podemos abrir espaço para pensar que um dos principais



problemas da modernidade é a impossibilidade de reconhecer a ambivalência da realidade. O filósofo colombiano nos diz que:

somente não podemos reclamar daquilo que pensamos e isso está em constante discussão. A opinião contrária é muito difícil de aceitar porque no geral o diálogo está precedido pela consideração implícita de que eu estou certo e os outros estão enganados, e quando se aceita o diálogo, se aceita com a ideia de que pode se convencer, em algum momento, aos outros da verdadeira 'realidade'. Como nós temos a razão, então, podemos esperar, quer dizer, temos de nosso lado ao tempo: se eles não são convencidos pelos nossos argumentos, vão se convencer pelos seus fracassos. (ZULETA, 1999, p. 146)

Em todas essas considerações não se contempla a possibilidade de que seja *eu* quem está enganado. “Com o diálogo acontece a mesma coisa que com a democracia, é um mal menor e não um bem. Tem uma concepção negativa e defensiva da democracia e do diálogo” (Zuleta, 1999). A democracia não emociona a ninguém porque implica a possibilidade de perder. Como sistema de poder representativo, a democracia é necessariamente excludente, embora é um sistema preferível à guerra, ao totalitarismo, e no final, à desumanização.

Referências

- BHABA, Homi. **O local da cultura**, Belo Horizonte, Editora UFMG, 1998.
- BAUDRILLARD, Jean; MORIN, Edgar. **La violencia del mundo**. Barcelona, Paidós, 2004.
- GARCIA, Laymert. A televisão e a guerra do Golfo. In: PARENTE, A. (org). **Imagem – Máquina**. A era das tecnologias do virtual. Rio de Janeiro: Editora34, 2011, p. 155 – 161.
- LEMONS, Andre. **Cidade e Mobilidade**. Telefones celulares, funções pós-massivas e territórios informacionais. In: *Matrizes*, São Paulo, v.1, n. 1, p. 121 – 138, 2007. Disponível em: <<http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/29/43>>.
- HALL, Stuart. Significação, representação, ideologia: Althusser e os debates pós-estruturalistas. In: SOVIK, Liv (Org.). **DA DIÁSPORA: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora Ufm, 2003.
- MARQUETTI, F; ADORNO, R. de C.F. Discursos e imagens da violência. In: **Saude soc.** [online]. 2014, vol.23, n.3 p. 749-763 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902014000300749&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 17 jan. 16
- RINCON, Omar. **Narrativas mediáticas**, O como se cuenta la sociedad del entretenimiento. Barcelona, Gedisa Editorial. 2006.
- ZULETA, Estanislao. **Para una concepción positiva de la guerra**. In: *Ensayo & Error*, Bogotá, n. 6, ano 4, p. 138 – 150, 1999.